

conquistar seu lugar no mundo. Como pano de fundo, acompanhamos os misteriosos desaparecimentos de pessoas e sua ligação com a rica família de Miranda, que retorna à cidade depois de uma prolongada ausência.

Federico Axat empresta ao texto um forte clima de nostalgia. Com elegância e delicadeza, vai levantando todos os véus de seus personagens até o surpreendente final, quando encaixa a peça que dará um novo sentido à vida de Sam.

Federico Axat nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1975. Engenheiro, começou a escrever por interesse e vocação. Em 2010 lançou seu primeiro livro, *Benjamin*, publicado na Espanha, na Itália e no México. *O pântano das borboletas* é sua estreia no Brasil.

“Uma história cujo grande valor reside no fato de os leitores desejarem que ela não acabe.” – *El Comercio*

Sam e Billy têm 12 anos e moram na pequena Carnival Falls. Amigos inseparáveis, eles percorrem o bosque de bicicleta e preparam-se para terminar a construção da sonhada casa na árvore. Compartilham tudo, inclusive a paixão por Miranda, a menina rica que acaba de se mudar para a cidade. Juntos, os três vivem as descobertas e as transformações típicas da idade e desvendam o mistério que assombra a vida de Sam: o paradeiro de sua mãe. Com esses ingredientes e doses generosas de lirismo, Federico Axat escreveu uma história admirável sobre a delicada passagem da infância para a adolescência – e desta para a vida adulta.

Mas não só. Romance de formação e suspense com incursões pelo fantástico, *O pântano das borboletas* reserva uma desconcertante reviravolta final: um segredo que, revelado, arremessa o leitor em um torvelinho de emoções e confere à trama um sentido totalmente novo.

TORDESILHAS
tordasilhaslivros.com.br
f /tordasilhas
@tordasilhaslivros


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
altabooks.com.br



Federico Axat

O PÂNTANO DAS BORBOLETAS

TORDESILHAS



TORDESILHAS

O PÂNTANO DAS BORBOLETAS

Federico Axat

O argentino Federico Axat é um desses casos não muito comuns de sucesso de crítica e público. Os críticos veem nele um escritor com perfeito domínio das palavras, que bebe na fonte de mestres como Mark Twain e Rudyard Kipling. Já os leitores não se cansam de louvar sua capacidade de contar histórias envolventes e deixá-los perplexos com as reviravoltas de seus enredos.

Não é diferente em *O pântano das borboletas*, primeiro romance do autor publicado no Brasil. O livro gira em torno de um trio carismático de amigos: os inseparáveis Sam Jackson, Billy Pompeo e a novata Miranda Matheson. Narrada por Sam, a história se desenrola em dois tempos: 1985, quando os protagonistas têm 12 anos de idade e vivem um verão inesquecível, o último de sua infância; e 2010, quando já estão quase chegando aos 40.

Nas tocantes páginas de abertura, ficamos sabendo que Sam perdeu a mãe ainda bebê, em um acidente de carro, e que o corpo dela jamais foi encontrado. A criança é então acolhida pelos Carroll, em cuja casa cresce em companhia de outros órfãos.

A vida na pequena Carnival Falls é descrita com saborosa riqueza de detalhes: os pequenos e grandes segredos de seus moradores, as incursões de Sam e Billy pelo bosque que circunda a cidade, os passeios de bicicleta, a casa na árvore, a descoberta do primeiro amor, o enfrentamento do medo e da angústia de crescer e

Federico Axat

O pântano
das borboletas

AMOSTRA

Tradução de
Fátima Couto

TORDSILHAS

Copyright © 2012 Federico Axat
Copyright da tradução © 2014 Tordesilhas

Publicado mediante acordo com Pontas Literary & Film Agency.
Título original: *El pantano de las mariposas*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA PARA ESTA TRADUÇÃO Federico Axat, *El pantano de las mariposas*, Barcelona, Destino, 2013.

REVISÃO Marina Bernard e Márcia Moura
PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio
CAPA Tordesilhas
IMAGEM DE CAPA Magdalena Berny

1ª edição, 2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A975p

Axat, Federico

O pântano das borboletas / Federico Axat; tradução Fátima Couto. –
1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Tradução de: El pantano de las mariposas
ISBN 978-85-8419-014-0

1. Romance argentino. I. Couto, Fátima. II. Título.

14-14005

CDD: 868.99323

CDU: 821.134.2(84)-3

O conteúdo desta obra, agora publicada pelo Grupo Editorial Alta Books, é o mesmo da anterior.

2022

A Tordesilhas Livros faz parte do Grupo Editorial Alta Books
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11
01311-200 – São Paulo – SP
www.tordesilhaslivros.com.br
blog.tordesilhaslivros.com.br

AMOSTRA

*A meus pais,
Luz L. Di Pirro
e Raúl E. Axat*

AMOSTRA

AMOSTRA

“Nunca voltei a ter amigos
como os que tive aos doze anos.
Por acaso isso é possível?”
Gordie Lachance,
no filme *Conta comigo*

AMOSTRA

Prólogo

1974

Minhas mãos se erguem como duas flores brancas, brincando com o ar doce impregnado do cheiro de couro dos bancos e aquecido pela calefação. Mamãe dirige, voltando-se a intervalos regulares para me dar um sorriso que tento reter. Ela me fala da chuva que martela a lataria do carro, de um letreiro que mal se vê e de coisas que não entendo, mas principalmente me fala do Fiesta, uma palavra que aprendi recentemente e que repito com entusiasmo.

– Fiesta!

– Isso! – diz mamãe. – Ele é nosso. Não é lindo? Nunca mais teremos que andar de ônibus.

“Ônibus” é outra palavra cujo significado conheço, mas que não consigo pronunciar direito. Limito-me a abrir muito os olhos e a observar mamãe pelo espelho retrovisor, que ela ajeitou de modo a poder me ver. O terço de madeira pendurado nele me hipnotiza por um instante.

– Fiesta! – torno a gritar.

A escuridão nos encerra em seu punho esponjoso. O limpador de para-brisa, na velocidade máxima, mal consegue neutralizar a força do dilúvio. Uma descarga de luz corta a noite, dividindo-se em ramos azulados que cruzam com o carro. Os relâmpagos me assustam, e esse em particular me faz dar um pontapé involuntário que derruba Boo, o ursinho de pelúcia que sempre me acompanha quando saio de casa, fazendo-o cair do banco traseiro.guardo alguns segundos, à espera do trovão entrecortado que não demora em se fazer ouvir, e tento me inclinar. Boo é uma figura cinzenta disforme no chão. O cinto de segurança da minha cadeira acoplada ao assento traseiro não me permite alcançá-lo. Com

o desespero característico que antecede o choro, observo mamãe, que agarra o volante com força, ligeiramente inclinada para a frente, perscrutando a faixa de asfalto que a duras penas nos indica o caminho, e penso que não é hora de incomodá-la. Tenho um ano, mas posso perceber isso.

Passo a vista pelo interior do carro e com o rabo do olho vejo meu próprio reflexo à direita, no vidro embaçado da janela. O gorro branco de lã é a primeira coisa que me chama a atenção. Parece a vela de um barco navegando no bosque escuro que desfila atrás de nós. Estico o braço nessa direção, mas meus dedos não chegam a tocar a janela, apesar das minhas tentativas. Entretanto, descubro que sou capaz de comandar à distância esse triângulo fantasmagórico. Agito a cabeça com veemência, e a vela do barco imaginário faz o mesmo, toureando as ondas negras e traiçoeiras da noite. Repito o movimento várias vezes. A cada tentativa, minha capacidade de controle vai se aperfeiçoando.

– Alguém está se divertindo muito aí atrás.

Interrompo a agitação frenética. A voz de mamãe tem esse efeito: o mundo parece deter-se quando ela fala. Ela me dá outro de seus sorrisos contagiantes, dessa vez por cima do ombro.

Meu vocabulário se reduz a um punhado de palavras, nenhuma das quais me serve para explicar que eu estava imaginando um veleiro que nos fazia companhia, e muito menos que podia comandá-lo à vontade movendo a cabeça. Decido, como tantas outras vezes, limitar-me a sorrir. Mas então me lembro de Boo, jogado de boca para baixo no chão, e estremeço.

– Boo – balbucio.

– O que aconteceu? – pergunta mamãe, tirando um pouco a atenção da estrada e olhando para mim.

Ela compreende rapidamente. Estica-se, volta o olhar para a frente e introduz o braço direito pelo espaço entre os dois assentos dianteiros, para o que precisa adotar uma posição ligeiramente contorcida. Então percebo como sua mão direita apalpa em primeiro lugar o assento e em seguida um dos meus sapatinhos. Sorrio quando seus dedos exercem uma suave pressão em torno do meu pequenino pé.

– Este é Boo? – pergunta ela, divertida.

Rio com vontade e dou um chute desajeitado que me liberta da mão que me prende. Inclino-me tudo o que o cinto de segurança permite e observo a mão de

mamãe – bastante afastada de Boo –, que tateia agora o chão do carro. Quero dizer alguma coisa para guiá-la na direção correta, mas minha atenção se concentra na exploração. Os dedos de mamãe parecem uma aranha branca e enorme que desperta em mim uma curiosidade inusitada, como o reflexo do meu gorro na janela instantes atrás. Percebo feliz que eles se lançam na direção correta; a grande aranha avança em passo lento e decidido para sua presa. Mamãe precisa se inclinar ainda mais, então reduz a velocidade do carro e se ajeita de modo a manter os olhos no painel. Emite um gemido quando faz o último esforço, e finalmente seu dedo indicador pousa sobre uma das orelhas de Boo. Apesar do meu precário entendimento da situação, sei que aquilo não é suficiente. O dedo de mamãe risca o chão do carro, tentando agarrar aquele pedaço de pano, mas não consegue.

– Boo – digo em um murmúrio sufocado. Quero explicar que não preciso dele, que posso esperar até chegar em casa para recuperá-lo, mas só consigo repetir o nome dele.

E então acontece algo que provoca em mim um mecanismo instintivo, um medo visceral que faz com que meu corpinho roliço trema como uma folha de outono diante de uma rajada de vento gelada. É a mesma sensação que me dão a escuridão ou a solidão, mas mais acentuada. Mamãe se inclina mais do que deve e perde o contato visual com a estrada. Sua mão se fecha sobre Boo, agarrando-o com determinação, e isso faz com que o Fiesta comece a ziguezaguear perigosamente.

Arregalo os olhos. Minha vista se crava no espelho retrovisor. O terço se sacode violentamente.

Depois de hesitar, mamãe faz com que sua mão, que finalmente conseguiu capturar Boo, volte para o assento dianteiro com a velocidade de uma serpente. Sua silhueta se endireita com um movimento rápido, e ela volta a agarrar o volante com as duas mãos. O Fiesta recupera o rumo, ajudado por uma curta aceleração. Volto a respirar normalmente. A chuva continua a apertar, os trovões rugem à distância e a lataria do teto ressoa com o crepitar dos pingos de chuva, mas no interior do Fiesta a sensação de perigo começa a se desvanecer.

Mamãe se volta, ensaiando um sorriso tranquilizador, e me estende meu urso de pelúcia, que acolho no peito. Nossos olhares se cruzam. É um desses momentos em que não importa que eu apenas consiga pronunciar algumas palavras,

porque tudo está dito com esse poder telepático que as mães compartilham com seus bebês. Seu sorriso se abre. Mamãe é linda, penso, detendo-me em seu rosto liso, de olhos grandes, queixo delicado e maçãs rosadas, e em seu cabelo arruivado. Cada detalhe se grava a fogo em minha mente para poder reproduzir-se mais tarde... em sonhos.

Nesse momento o para-brisa do Fiesta se transforma em uma bola de luz. Um golpe monstruoso em uma das laterais faz com que o carro caia de lado com violência, como que deslocado pelo golpe desinteressado de um gigante. A carroceria gira sobre um eixo imaginário e sulca a noite, cruzando a mão contrária da estrada. A luz que cega é substituída por uma massa escura de ramos e galhos grossos que giram diante do para-brisa até ficar de cabeça para baixo. Imediatamente sinto a pressão do cinto de segurança da minha cadeira apertando-me o peito, e Boo escapa de minhas mãos. Mamãe grita. Seu corpo se sacode de um lado a outro. Depois de um instante de expectativa, o Fiesta novo, que mamãe comprara por meio de um financiamento quase inacessível – num esforço descomunal para uma mãe solteira que ganha a vida como enfermeira –, corta o ar, descrevendo uma espiral, e se incrusta em um carvalho, achatando-se como uma lata de refrigerante. A inércia faz com que a carroceria dê um meio giro adicional e o teto afunde ao bater em cheio em outra árvore.

Tudo aconteceu a uma velocidade espantosa. O silêncio que sucede ao acidente é tão profundo que a chuva e os trovões demoram a se fazer ouvir novamente.

A princípio não vejo nada. Pisco várias vezes, sem outro resultado a não ser uma escuridão absoluta. O ruído da tormenta é meu único vínculo com a realidade. Quando tento me mover, o cinto de segurança me impede. Descubro com horror que nem sequer posso gritar ou romper em pranto; apenas incho o peito, e um insuportável ardor me faz calar. Finalmente sacudo a cabeça, como minutos antes fazia com alegria para manobrar meu veleiro imaginário, mas agora com o único propósito de me libertar do aterrador véu de escuridão. Então minha testa se choca com algo. Decido permanecer imóvel enquanto os contornos começam a se delinear. O que tenho diante de mim é uma grande depressão do teto, que forma uma curva milagrosa sobre meu corpo. Mamãe deve estar do outro lado, raciocino em desespero. Não consigo ouvi-la, mas ela deve estar ali.

O carro descansa sobre um dos lados, mas minha cadeira continua presa no meio do assento traseiro. Mover-me em semelhante posição, com o teto a poucos centímetros e o cinto de segurança pressionando, é impossível. Estico o pescoço o máximo que posso, até meus olhos ficarem muito próximos da lataria, e assim consigo ver o espaço entre os dois assentos dianteiros. O que vejo me gela o coração.

O rosto de mamãe se transformou em uma esfera branca de olhos inexpressivos presa em uma teia vermelha. Seu olhar vazio me transpassa.

– Mamãe – murmuro com um fio de voz.

Não posso deixar de fitá-la. O pescoço me dói por causa da posição, mas não consigo afastar os olhos do único ser querido que tenho no mundo.

Em algum momento perco a consciência, ou creio perder.

Não sei quanto tempo depois, ouço um forcejar do outro lado da depressão da lataria. Tento gritar, mas a dor no peito me silencia.

O corpo de mamãe é arrastado. Seu rosto ensanguentado desaparece.

Alguém a levou.

Alguém... ou algo.

AMOSTRA

Primeira parte

Suposição
1985

AMOSTRA

AMOSTRA

O casarão da Maple Street estava abandonado desde que faço uso da razão. Eu o tinha visto centenas de vezes da minha bicicleta, com sua fachada manchada surgindo por trás do sólido muro de pedra.

Na escola não faltava quem afirmasse conhecer alguém que havia se esgueirado na mansão em plena noite com um grupo de amigos, que ela tinha galerias secretas, corredores, que estava enfeitada. Diziam que à noite as portas e as janelas que ainda restavam de pé se abriam e fechavam sozinhas, que fantasmas lívidos apareciam nos cantos e que os anjos de pedra que decoravam as fontes do jardim desciam dos pedestais e vagueavam entre o mato crescido. Eram histórias que se realimentavam de si mesmas e da criatividade e da ânsia de popularidade de alguns meninos. Pessoalmente, isso não me preocupava. Gostava de passar algum tempo diante da grade do portão de entrada, contemplando o cadeado de ferro, o caminho de pedra que chegava até a imponente construção ou o jardim de inverno contíguo, cujas vidraças estavam quase todas quebradas.

No dia em que encontrei um exército de homens descarregando móveis e caixas rotuladas de dois enormes caminhões, senti certa decepção. Isso aconteceu em plena época de aulas, e desvencilhar-me de minhas obrigações não foi fácil, mas consegui acompanhar o processo de mudança com muita atenção de cima de uma árvore que se transformaria em meu observatório particular.

Naquela ocasião avistei aquele que intuí corretamente ser o dono da casa: um homem magro, vestido como um diplomata, de cabelo penteado com fixador e com o andar de um policial. Ele apareceu algumas vezes durante as semanas em que aconteceu a mudança, deu algumas indicações, mas não participou muito

do circo. Tudo foi delegado a um homem de uns quarenta anos, cujo rosto pensei reconhecer de algum lugar, e que se dedicou com afinco à operação. Além dos carregadores, chegou uma equipe de limpeza formada por uma tropa de mulheres com braços como os de Rocky, traseiros grandes como almofadas e o andar coordenado das formigas. A elas se juntou um batalhão de jardineiros, que, como pude constatar da árvore que havia escolhido como posto de observação, tinham muito o que fazer naqueles jardins anárquicos. Vários operários se ocuparam de repor as telhas que faltavam, pintar as paredes externas, polir o mármore das escadarias e de muitas outras tarefas. Em um mês, a casa havia perdido aquele aspecto maléfico tão característico.

A família se mudou num dia fresco de outono que a sorte me levou a presenciar. Um Mercedes preto se deteve diante da escadaria principal, e o diplomata desceu para rodear o carro e abrir a porta do acompanhante. Uma mulher jovem com modos de rainha observou a fachada com desdém; usava óculos escuros e um lenço colorido no colo que me chamou particularmente a atenção. Trazia um bebê nos braços. Seu marido fazia gestos grandiloquentes em direção à casa quando a porta traseira do carro se abriu, e foi então, ao ver descer uma menina mais ou menos da minha idade, que eu soube que havia um propósito divino por trás do meu inusitado interesse pela chegada à cidade daquela família rica.

Foi assim que conheci Miranda, por quem me apaixonei perdidamente, talvez exatamente naquele instante.

Em pouco tempo, o desembarque da família Matheson estava na boca do povo, e sua verdadeira história, muito menos espantosa do que as que pululavam no pátio da escola, começou a se espalhar. Preston Matheson, que na verdade não era diplomata, mas um homem de negócios, voltava do Canadá para a casa da família, onde tinha vivido até os vinte e nove anos. Ninguém conhecia as razões de seu regresso, tampouco por que havia partido anos antes. Ele não tinha voltado sequer quando os pais morreram, relativamente jovens, de doenças fulminantes. Na loja de Donovan, ouvi um homem dizer a outro que essas coisas eram frequentes nas famílias endinheiradas. Eu não sabia disso porque na granja nunca tínhamos dinheiro.

Miranda se transformou na minha obsessão. Desde o dia em que a vi de pé ao lado daquele carro reluzente, todos os instantes em que a observei caminhando

pelos jardins, por trás da cortina do seu quarto ou no jardim de inverno, onde tinha aulas particulares, foram ciumentamente guardados como tesouros. Decorei seus vestidos, penteados, gestos e imaginei sua voz, suas brincadeiras favoritas e tudo aquilo que a distância não me permitia saber em primeira mão. A árvore que me tornou possível intrometer-me na vida dos Matheson dessa maneira era um olmo enorme situado fora da propriedade, bem em uma esquina, que oferecia uma magnífica vista da entrada e de uma das faces laterais da casa. Com o passar dos dias, aprendi a escalar seu tronco em segundos, e quais os galhos mais convenientes para minhas necessidades do dia. Havia dois ou três onde podia esconder-me comodamente e esperar ter um vislumbre do cabelo loiro de Miranda, de sua silhueta por trás de alguma das janelas de vidro ou de qualquer outra coisa. Em meu paraíso verde, consumia uma grande quantidade de tempo em esperas.

Até o fim da primavera de 1985 eu havia conseguido deixar para trás com relativa facilidade o sétimo ano, e meu conhecimento da rotina da família Matheson era considerável. Depois de dois meses de observação paciente, consegui reunir dinheiro suficiente para levar adiante algo que tinha em mente quase desde o princípio. Nesse dia em que o calor do verão ainda não estava tão intenso e soprava uma brisa agradável, repeti o ritual de sempre: escondi minha bicicleta atrás de uma fileira de cestos de lixo e a olhei com certa tristeza: minha velha Optimus não destoava em absoluto daquele lixo. Quem a visse pensaria que alguma das famílias poderosas daquela zona residencial havia decidido finalmente se desfazer dela depois de conservá-la no sótão por alguma razão incompreensível. Afastei-me pela Maple Street, com a mochila nas costas, tentando disfarçar meu constrangimento. Era uma tarde tranquila e não cruzei com ninguém, o que me privou de uma desculpa para abandonar aquele plano descabido que pretendia levar adiante. Sabia que se algum garoto sáísse de qualquer uma das casas monstruosas cujos jardins me desafiavam, seria suficiente para que eu me pusesse a correr e me esquecesse de tudo. Não seria necessário que me lançassem um olhar venenoso ou que fizessem algum comentário sobre minha roupa velha; sua simples presença faria com que meu amedrontado subconsciente ordenasse uma retirada imediata.

Antes de cruzar a Redwood Drive, cravei o olhar no olmo que um dia antes me servira de esconderijo. Avancei sem olhar para os lados, sopesando seriamente a

possibilidade de cancelar meus planos para esse dia, quando o ar se deslocou diante de minhas narinas e o rugido de um motor se misturou ao som de uma buzina impaciente. Parei imediatamente, com o corpo rígido como uma tábua e os pés transformados em colunas de aço. Contive a respiração enquanto o carro que acabava de contornar a esquina vindo da Maple e quase me havia atropelado se perdia à distância. Observei com resignação que se tratava de um Fiesta. Eu o odiava.

Respirei profundamente. Com os polegares enfiados nas alças da mochila, dispus-me a retomar a marcha, ladeando o muro dos Matheson até chegar à entrada senhorial. O imponente portão de ferro forjado aumentava minha vulnerabilidade, pois de qualquer janela da casa poderiam me ver. A alma me abandonou quando compreendi que tinha me esquecido de tirar da mochila o pacote que levava comigo. Tirá-lo ali mesmo, à vista de qualquer um, era impossível. Decidi percorrer mais alguns metros, tirar a mochila e explorar o seu conteúdo até dar com a caixinha de papelão que havia preparado na noite anterior. Então me dispus a voltar para trás, fingindo um esquecimento histriônico dedicado a uma audiência inexistente, e voltei para o portão, dessa vez com o embrulho na mão. Depositei-o em cima da caixa de correio e olhei novamente as sete letras.

Miranda.

Uma vez sob a proteção do olmo, a incerteza quase me venceu, e por duas vezes estive a ponto de descer para recuperar o pacote. Se não o fiz foi porque uma das empregadas devia estar voltando do mercado, e se me visse rondando o portão da casa, minha situação se complicaria de um modo inimaginável. Além do mais, Miranda já havia começado seu ritual de estudo da tarde no jardim de inverno, e eu não o perderia por nada deste mundo.

O jardim de inverno era uma prolongação envidraçada da ala leste, que os jardineiros haviam povoado de vistosas plantas para deleite de Sara Matheson, que tinha feito daquele cômodo um lugar onde podia relaxar, ou assim me parecia. Em um canto afastado das estantes apinhadas de vasos e produtos de jardinagem, uma mesa redonda havia sido colocada para que Miranda tomasse suas aulas. Uma mulher de semblante fúnebre – que eu havia batizado de senhora Lápide – se encarregava de instruí-la duas vezes por semana. Nos outros dias Miranda procurava estudar sozinha, algo que conseguia com resultados duvidosos, a julgar pelas constantes distrações que eu pudera presenciar. Esse

era um dos dias em que ela estava sozinha, e a verdade é que não parecia muito interessada no livro que tinha diante de si. As circunstâncias não podiam ser melhores, pensei com alegria.

Tirei de dentro da mochila um estojo de couro que manipulei como se fosse um cartucho de dinamite. Abri o estojo com cuidado, e dois enormes olhos de vidro me cravaram um olhar acusador. Tirei o binóculo, consciente de que um erro de cálculo faria com que aquele prodígio da óptica se precipitasse mais de cinco metros e se estatelasse no chão, junto com meu futuro na granja dos Carroll. Pertencia a Randall Carroll, que o havia herdado do pai, e este, por sua vez, do seu. Tirá-lo sub-repticiamente de sua mesinha de cabeceira havia sido uma ação arriscada e possivelmente idiota, cujas represálias mal podia imaginar.

Mas obriguei-me a não pensar nos problemas que aquele binóculo poderia me dar, para em troca aproveitar as vantagens de tê-lo comigo pela primeira vez. Certifiquei-me de passar a correia pelo pescoço, e depois me acomodei em uma forquilha. Um espaço entre os ramos me oferecia uma excepcional vista do jardim de inverno, principalmente do canto em que Miranda fingia estudar. Levantei o binóculo e observei.

A princípio, o conjunto de vidraças retangulares me desconcertou. Varri o jardim de inverno, detendo-me apenas diante do colorido de algumas flores, até topiar primeiro com a mesa forrada de livros, e depois com um dos braços de Miranda. Escalei-o com o coração galopando de excitação. A nitidez da imagem era assombrosa. Quando cheguei a seu rosto me petrifiquei. Um leve sorriso surgia e desaparecia, como o sol em um dia nublado. Nunca me sentira tão perto de Miranda. Era como estar ao seu lado, roubando-lhe alguns instantes sem que ela soubesse disso; como se eu fosse invisível, pensei com uma mescla de fascinação e vergonha. Quando baixei o binóculo pela primeira vez, a visão distante que tantas satisfações me havia dado me pareceu então insossa e insuficiente. Tornei a observar através das lentes mágicas, e dessa vez me absorvi em uma exploração detalhada daquela menina linda, perscrutando cada centímetro de seu rosto, penteando seu cabelo e as pregas do seu vestido rosa vezes sem conta. Sabia que a experiência não se repetiria, pois eu não tornaria a correr o risco de tirar o binóculo novamente; portanto, devia aproveitá-la.

Minha surpresa foi enorme quando Miranda se pôs de pé de um salto e deu uma olhada nos jardins, assegurando-se de que os únicos observadores eram os estáticos anjos de pedra que lançavam água pela boca. Caminhou até o amplo corredor central do jardim de inverno, plantou-se no centro e, depois de uma ligeira reverência, começou a mover-se delicadamente, sacudindo a longa cabeleira loira e batendo na saia com as mãos. Dava saltinhos para um e outro lado, como uma gazela, enquanto movia os lábios ou cantava, era difícil saber. A cada tanto girava como um pião, com os braços estendidos, e seu vestido se erguia, descobrindo as pernas delgadas. Segui a dança com fascinação. Então algo aconteceu no jardim de inverno. Miranda se deteve em plena pirueta e correu de volta para a mesa. Ajeitou o cabelo com as mãos e fixou a vista no primeiro livro que encontrou. Afastei o binóculo para dispor de uma visão global, e entendi a razão da súbita interrupção. Na entrada vi uma das empregadas, e pela segunda vez em poucos minutos meu coração voou. Aquela moça baixinha de rosto assustado devia estar no mercado. Se havia voltado, então...

Forcei os tubos do binóculo nos olhos até que as órbitas começassem a doer. Perscrutei desesperadamente o uniforme da empregada, o avental branco e seu rosto culpado. A mulher dizia algo, desculpando-se talvez pela intromissão. Tinha nas mãos o pacote que minutos antes estava na minha mochila. Aproximou-se da mesa, deixou-o ali e saiu.

Miranda observou o embrulho durante um longo momento. Por um instante achei que o deixaria ali abandonado, mas era uma ideia absurda, porque ninguém, nem sequer uma menina rica que podia ter quase tudo com um simples estalar de dedos, poderia resistir ao mistério e à surpresa. Finalmente ela pegou a caixinha de papelão e desamarrou a fita azul que eu havia utilizado para mantê-la fechada. Ficou olhando seu nome escrito na tampa, e então fez algo surpreendente, ao menos para mim. Primeiro levantou a cabeça e tornou a examinar os jardins em busca de alguém que pudesse estar a observá-la. Quando se assegurou de que isso não acontecia, retirou a tampa e a deixou de lado. Ficou olhando a caixinha com as mãos no colo e a cabeça baixa, como se examinasse um caminho de formigas. Levantou a mão e pegou a correntinha prateada. Ergueu-a diante do rosto com uma expressão que me pareceu de desprezo, mas obriguei-me a pensar que era fruto da surpresa e não de desgosto por uma bugiganga de metal barato que, apesar

de ter me custado semanas inteiras de economia, não passava de uma bijuteria. A meia-lua que pendia do centro era tão diminuta e fina que nem sequer as inquebrantáveis leis da óptica eram capazes de me revelar sua existência da posição em que eu estava. O que eu estava pensando para lhe dar aquele presente? Era ridículo pretender impressionar Miranda com uma bijuteria de três dólares do bazar Les Enfants. Por que eu não havia percebido antes? Miranda pôs a correntinha de lado e descobriu que no fundo da caixinha havia algo mais. Abriu a folha dobrada e a leu.

Enquanto seus lábios se moviam, recitei de cabeça as palavras que sabia de cor.

*Basta-me sonhar com seu sorriso,
Sentir sua pele em uma pétala,
Imaginar seu rosto na chuva.
A razão não engana o coração.*

Em um dos momentos de maior indecisão de que posso me lembrar, Miranda tornou a colocar a folha no lugar e pegou outra vez a correntinha. Com um pouco de dificuldade, conseguiu abrir o fecho e colocou-a. Pôs uma das mãos sobre a meia-lua e sorriu.

Algumas lágrimas me escaparam dos olhos enquanto a imitava, levando a mão ao peito, onde outra meia-lua igual à dela repousava sob a minha camiseta.

Abaixei o binóculo. Recostei-me no galho do olmo e contemplei o coração que havia recortado no tronco, em um lugar onde ninguém além de mim jamais poderia encontrá-lo.

